ANO 6.º LISBOA—TERÇA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 1927 N.º 1762

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇAO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 310
Endereço telegrafico: DIBOA

A LIVRARIA Civilisação, do Porto, acaba de prestar um grande serviço aqueles que em Portugal se interessam pelas letras, ao editar a *Colecção de Hoje*, da qual está publicado o primeiro volume. É este composto por uma novela, a melhor novela de Alberto Insua. o grande escritor espanhol contemporaneo, justamente considerando como o sucessôr de Filipe Trigo. "O preto que tinha a alma branca„ que assim se intitula a obra de Insua, é uma maravilha de emoção de estilo e de acção dramatica.

A tradução foi feita por D. Aurora Jardim Aranha, jovem mas já ilustre escritora portuense, e a edição, pela belesa do seu aspecto, consagrará perante os leitores de bom gosto a *Colecção de Hoje*.

* * *

CONSTITUIU-SE na França, sob a presidencia de Bergson, a Associação dos Amigos de Spinosa, a fim de comemorar o 250.º aniversario da sua morte.

O autor da *Etica* era descendente de judeus portugueses e pertence á categoria dos homens que viveram exclusivamente para o seu pensamento.

A sua vida é perfeita como lição de austeridade.

Embora, entre nós, os estudos filosoficos não gozem do favor do publico, cuja ignorancia a tal respeito é quasi granitica, esperamos que, ao menos, a Academia das Sciencias e as Faculdades de Letras não se desinteressem da homenagem a prestar ao formidavel criador da Substancia-Unica.

* * *

AS Livrarias Aillaud e Bertrand acabam de fazer resurgir o seu esplendido "magazine„ cuja publicação se encontrava suspensa desde 1910 e que alcançára um largo exito em todas as camadas e, especialmente, na popular. Vêmo-lo agora remoçado, com numerosas gravuras, secções de teatro, cinematografia, modas e conselhos femininos, anecdotas, versos, romances de emocão, novelas cheias de imprevisto como *Os olhos do Tigre* e *A Alma dos Mortos*, etc. São cento e tantas deliciosas paginas que entreteem e instruem.

* * *

O NOVO imperador do Japão, Hiro-Hito, dirigiu uma mensagem ao seu povo, na qual se lê a seguinte passagem:

—"O mundo atravessa uma nova fase evolutiva: abre-se um novo capitulo na historia da civilisação das nações. Os paises que seguem uma politica firme e estavel progridem e avançam continuamente.„

* * *

NOVOS livros, que são mimosos brindes para as crianças:—*O que canta o pintasilgo*, por Jane Bensaude e Agostinho de Campos; *Romance das Ilhas Encantadas*, por Jaime Cortezão. As ilustrações do primeiro são de Raquel Roque Gameiro Ottolini e de Emerico Nunes; as do segundo, de Roque Gameiro. As edições pertencem á casa Aillaud e Bertrand.

O VINHO
DO PORTO

Conhecemos, no Douro, um homem que dizia que o vinho do Porto só se podia beber em estado de graça, visto o espirito que nele faúlha ser tão fino e melindroso que, ao tocar num paladar grosseiro e inculto, desaparecia, sem denunciar a sua presença.

Ha nisto um exagero, uma maneira figurada e pitoresca de mostrar que o licor precioso e generoso não pode emborcar-se como qualquer produto da *camelote*, mas sim deve saborear-se lentamente, com o artistico cuidado de lhe descobrir os segredos que um deus pagão e folião depôs no seu sombrio topazio, como uma mensagem de prazer e alegria aos varões de sã consciencia e apetite educado.

No estrangeiro, o seu nome anda em todas as bôcas, se bem que o seu sabor só possa ser apreciado por poucos.

Balzac referiu-se ao vinho do Porto, na *Peau de Chagrin*, se não estamos em erro, acentuando que, numa festa de grandes escritores e jornalistas, ele era digno de pôr a nota final; a fim de harmonisar o espirito com a materia.

Como propaganda de Portugal, não existe embaixador que melhor nos represente junto de todas as mesas—a dos Chefes de Estado, a dos intelectuais, a dos boemios e a dos moralistas, a das mulheres que se perdem por um certo gosto de fruto proibido.

Causa-nos pena que ele seja vitima de tantas falsificações: nas principais capitais da Europa, o Porto que se bebe não é originario das margens do Douro, onde a vide se agarra á terra como um pedreiro ao seu andaime ou um poeta ao seu alto sonho.

Já fomos alvo desta profanação: alguem, em Paris, num requinte de gentilesa, dirigiu-nos um comprimento, com estas palavras—*saudo um português, com o melhor vinho do mundo.*

Tratava-se dum liquido espesso e escuro trabalhado na Andaluzia por vinicultores impacientes de iberismo.

Agradecemos a intenção amiga e fidalga do brinde, mas não podemos calar a verdade que nos refervia no peito:

—O melhor vinho do mundo é realmente o Porto, mas acontece-lhe, ás vezes, o mesmo que a Cristo que só era verdadeiramente amado pelos que o conheciam.

Nada mais foi necessario para que a boa semente frutificasse—ainda nesse dia pudemos revelar a um estrangeiro, em excelentes disposições para converter-se, o verbo luminoso, scintilante e rubinado que canta no vinho do Porto.

Prestámos assim um belo serviço á Patria, de que ainda agora nos orgulhamos.

Poderá haver portugueses que, pecaminosamente, traidoramente, se ocupem na faina nefanda de lotar vinhos de nobre raça com vinhos comuns, cedendo á cega ambição do lucro?

Reputamos merecedor de severas punições quem assim corrompe o nosso venerando Porto. Aperfeiçoe-se o seu fabrico, se isso é possivel, alargue-se a produção, facilite-se a sua colocação e venda nos mercados externos...

Mas haja o pudor bastante para não oferecer á Europa e ao Mundo um licor que, rotulado como Porto, seja a caricatura miseravel duma das nossas altas glorias.

Titus

A BOA-HORA é um tribunal e um frigorifico. Os juizes nos seus gabinetes, os escrivães nos seus cartorios, os oficiais nos seus cubiculos todos tiritam com frio.

O sol não penetra nos seus corredores escuros, nos seus claustros humidos e nas suas salas, onde as sombras parecem, algumas vezes, tomar as formas irritadas da Justiça a reclamar... aquecimento.

O sr. ministro da Justiça, que tanto tem trabalhado para realizar a independencia do poder judicial, necessita, a fim de completar a sua obra, colocar a justiça em condições de não morrer gelada.

Porque não manda colocar, na Boa-Hora, uma duas duzias de radiadores ou simples fogões de petroleo, a fim de que se não diga que o celebre tribunal se acha tão escravo das baixas temperaturas que se não atreve a dizer, como o grande Lacordaire:—*Moi, je suis une liberte!*

* * *

FOI hoje publicado o decreto que definitivamente regula as atribuições do sr. general Carmona, emquanto interinamente desempenhar as funções de Chefe de Estado. Essas funções são:

1.º, Nomear os Ministros de entre os cidadãos portugueses e dimiti-los; 2.º, Publicar decretos, regulamentos e instruções; 3.º, Nomear, reintegrar, transferir, aposentar, reformar, demitir ou exonerar os funcionarios civis e militares em conformidade das leis, ficando sempre ressalvado aos interessados o direito de recurso aos tribunais competentes; 4.º, Representar a Nação e dirigir a politica externa da Republica; 5.º, Declarar, por periodo não excedente a trinta dias, o estado de sitio em qualquer ponto do territorio nacional; 6.º, Ajustar quaisquer convenções internacionais e negociar tratados de paz e aliança, de arbitragem e de comercio, submetendo-os á aprovação do Conselho de Ministros; 7.º, Indultar e comutar penas; 8.º, Prover a tudo quanto fôr concernente á segurança interna e externa do Estado.

* * *

CONTINUA obtendo um grande exito a exposição de fotografias a cores naturais no Salão Bobone, reproduzindo alguns dos quadros existentes no Museu de Arte Contemporanea. Esta exposição ainda se conserva aberta durante alguns dias.

* * *

PARTIU para Ayamonte, onde exerce o cargo de consul de Portugal, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso presado amigo Consiglieri Sá Pereira.

* * *

DA FIRMA Costa Limitada, antiga casa Pina, recebemos seis caixas de charutos com destino aos pobres asilados. Em nome dos contemplados, agradecemos.

* * *

SAIU mais um numero da *Ilustração* correspondente ao Ano Novo, e que se apresenta, como sempre, brilhante de texto e de gravuras.

No Coliseu

A ultima da "Fedra"

Ante os numerosos pedidos de pessoas que não puderam assistir ás duas recitas da «Fedra» em S. Carlos, e desejoso de proporcionar ao publico de Lisboa mais uma audição desta grande obra de arte literaria e musical que poucas probabilidades tem de se ouvir de novo no nosso país pelas enormes dificuldades da sua montagem, o activo e inteligente emprezario que é Ricardo Covões conseguiu mais uma representação da obra-prima de d'Annunzio e Pizzetti, que terá logar ámanhã no Coliseu.

Como a lenda de Fedra tem dado logar a diversas interpretações tanto na literatura antiga como na moderna, torna-se interessante para os leitores do *Diario de Lisboa* fazer aqui um pequeno resumo do libretto extraído pelo proprio d'Annunzio da sua tragedia. Este resumo servirá como de preparação para a festa de arte de ámanhã.

A scena do primeiro acto representa o átrio de um palacio junto ao mar. Teseu, rei da Grecia, está em guerra contra Tebas. Hetra, mãe de Tesen, está em scena rodeada das cinco mães dos herois que pereceram na famosa expedição. Não ha noticias de Teseu. Hetra e as mães dos herois que no drama têm o nome de suplicantes, receiam que o rei tenha sido morto.

Hetra, sabendo que acaba de entrar um barco no porto, afasta-se. Entre a rainha Fedra, mulher de Tesen, e dirigindo-se, em tom duro, ás suplicantes, diz-lhes que o rei seu marido não pereceu na expedição. Não o quere acreditar. Ouve-se uma voz, de dentro do palacio, chamando Fedra. E' a sua ama Girgo, que, entrando, diz ás suplicantes que a rainha sofre dum mal misterioso, parecendo ter a razão perturbada.

Avança Hetra, mãe de Teseu, com o auriga Eurito, mensageiro do campo de batalha.

Anuncia a vitoria de Teseu e traz as cinzas dos herois mortos na guerra. Diz a Fedra que é portador de tres presentes oferecidos por Adrasto, rei de Argos, a Hipolito, o primogenito de Teseu. Ouvindo dizer que a primeira dadiva é Arion, o cavalo divino de Adrasto, e a segunda uma rica taça de prata, Fedra fica indiferente; mas, quando Eurito faz o elogio do terceiro presente de Adrasto, uma linda escrava tebana, Fedra, desvairada, pede para a ver. Invoca Afrodite, deusa do amor, do amor criminoso que a devora, por Hipolito, seu enteado. A ama Gorgo traz a escrava.

Depois duma scena violenta, louca de ciume, Fedra mata a escrava, junto do altar que se ergue entre as colunas do atrio, e, quando entram as suplicantes, trazendo as urnas com as cinzas dos herois, diz-lhes que imolou a tebana, por ser de estirpe de inimigos.

No segundo acto, a scena representa os aposentos de Fedra que está deitada sôbre o leito. A ama Gorgo está sentada ao tear. Cinco escravas velam a rainha. Entram Eurito e Hipólito que domou o cavalo Arion. Fedra pede a Hipólito que restitua a Adrasto o seu cavalo, pois que um sonho a advertiu do grande perigo que Hipólito correria se teimasse em subjugar a montada divina. Hipólito repele a advertencia e censura a madrasta por ter morto a sua escrava. Acrescenta que Tesen, para o consolar, lhe prometeu em casamento a filha de um Deus, Helena, de cuja formosura acaba de ouvir falar a um pirata fenicio recem-chegado. Cheia de ciume, Fedra manda chamar o fenicio para saber se é verdade o que lhe diz Hipólito. Como este se reclina no leito a descansar, um momento, Fedra manda sair todos, e, só com o enteado, declara-lhe o seu amor e beija-o arrebatadamente. Ele foge ao beijo incestuoso chegando a levantar o braço para ferir a madrasta.

Entra Teseu e pregunta a Fedra a causa da perturbação do filho que acaba de encontrar correndo. Responde-lhe a rainha que Hipólito, irritado pela justa imolação da escrava tebana, viera ali insultá-la atentando contra ela. Cego de raiva, Tesen pede a Neptuno que o filho seja morto antes do fim do dia, terminando o acto com uma admiravel evocação do reino de Neptuno: o mar por toda a orquestra, num fortissimo dos metais.

Antes de se levantar o pano sôbre o terceiro acto, ouve-se a mais admiravel pagina da partitura, as lamentações do povo pela morte de Hipólito, despedaçado contra uma rocha pelo cavalo Arion.

Levantando-se o pano descobre-se um logar selvagem junto de um altar dedicado a Artemis. O cadaver de Hipólito está deitado no chão. Rodeiam-no Hetra, Teseu, Eurito que narra a desgraça, os companheiros de Hipólito, escravos e povo, todos na atitude da mais profunda dôr.

Ouve-se o rodar de um carro. E' Fedra que se aproxima, Quasi exanime, confessa diante de todos a sua culpa. Proclama a inocencia de Hipólito, caindo morta sôbre o seu cadaver.

Teatro São Luiz
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Duas — Companhias estrangeiras — Duas

Na proxima quinta-feira, 6, abre a *assinatura* para ***7 unicos espectaculos,*** com peças diferentes e novas para Lisboa da grande actriz franceza

VERA SERGINE

e ***HENRI KOLLAN*** o 1.º galã da França e da sua companhia completa do THEATRE DE PARIS, e para *4 unicos espectaculos,* com peças differentes e novas para Lisboa dos celebres artistas

LUDMILLA PITOEFF
e ***GEORGES PITOEFF***

e toda a sua companhia, scenarios, guarda-roupa, mise-en-scene e material do THEATRE DES ARTS, de Paris.

Os srs. assignantes dos espectaculos de Chevaliers Joanne Vallée teem preferencia até ao proximo sabado 8. A assinatura é conjuncta para as duas companhias.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N.

CRONICA FINANCEIRA

O governo E AS CAMARAS de compensação

Em nossa cronica, publicada a 27 de novembro, ocupámo-nos do projecto de duas providencias que o governo iria tomar e se nos afiguravam de certa *portée* para a mecanica da nossa vida financeira.

Uma: a legislação sobre o cheque, outra: a criação das camaras de compensação.

Está confirmada a segunda: o decreto-lei n.º 12:852, publicado no *Diario do Governo* n.º 124, 1.ª série, de 20 de dezembro ultimo, cria efectivamente as camaras de compensação.

Conforme predissémos são criadas duas camaras—uma com séde em Lisboa e outra com séde no Porto—*as quaes terão por fim exclusivo realizar obrigatoriamente, por encontro ou compensação, a liquidação diaria dos efeitos comerciaes que uns sobre os outros, possuirem os estabelecimentos em cada uma delas, respèctivamente, associados.*

Adoptou-se, como tambem o predissémos, o sistema fechado. Nessa nossa cronica anterior abonámos o "sistema fechado„ com o facto de ser oadoptado em Londres, que, contando um bom milhar de Bancos e casas bancarias, compunha a sua camara de compensação apenas com nove representantes.

A' natural pergunta: onde se centralisaria a nossa camara de compensação, respondemos que não podiamos crêr que devesse ou podesse ser senão no Banco de Portugal.

O paragrafo 2.º do artigo 2.º do respectivo decreto assim o determina, sendo pelas alineas *a*) do paragrafo 1.º e 2.º do artigo 3.º o governador do Banco de Portugal o presidente do conselho de administração da camara de compensação de Lisboa, e o director da Caixa Filial do mesmo Banco no Porto o presidente do conselho de administração da camara do Porto.

Exercicio gratuito, reuniões ordinarias, relatorio annual até o fim de fevereiro de cada ano, e eleição de vogais por trienios, com recondução para dois exercicios seguidos apenas, despesas custeadas em partes eguais pelos associados, faculdade de convenções das camaras com organismos similares estrangeiros,—formam os topicos principais dos onze artigos do decreto, que começou a vigorar em 2 janeiros, entregando-se ao conselho de administração de cada uma das camaras a elaboração do respectivo regulamento interno.

Na nossa cronica de Novembro, sôbre o assunto, previamos que o numero de entidades que viriam a formar a camara de compensação, de Lisboa, seria maior do que o de Londres.

Portanto, mais de 9.

O art. 2.º do decreto-lei marca taxativamente 11 associados á Camara de Compensação de Lisboa, e 7 á do Porto, *que serão estabelecimentos portuguezes, legalmente autorizados a exercer a industria bancaria.*

Até aqui nenhum reparo ha a fazer, e nenhum ha que imputar directamente ao governo.

Simplesmente, na escolha dos associados é que, ao que paréce, não presidiu uma muito feliz inspiração.

Não nos queremos referir aos escolhidos, que todos merecem essa preferencia, mas tão sómente a certas exclusões notorias e notadas.

Em boa verdade, foram excluidas entidades que nada explica tal tratamento. Só um criterio poderia haver para a aceitação, ou antes para a indicação dada pelo Banco de Portugal ao sr. ministro das Finanças, na escolha dos associados: capital, montante das contribuições, situação perante o meio e perante as praças estrangeiras.

Ora sucedeu que, pelo menos, foram excluidas da representação directa na Camara de Compensação, de Lisboa, duas entidades que têm uma grande situação na praça de Paris, especialmente grande e antigo nome, outra uma posição na praça do Rio de incontestavel relêvo. Mas ha mais: é que o proprio gremio de banqueiros indica uma segunda entidade como aquela que está nos casos de ser a primeira para pagamento de contribuições, no recrutamento fiscal dos seguros sociais.

Como se póde, pois, compreender que um organismo bancario que é — reconhecido pelos seus colegas — como o primeiro para pagamento tributario, não seja pelo menos a 11.ª em categoria para fazer parte da Camara de Compensação.

Todas as onze entidades chamadas a formar a Camara de Lisboa tinham iguais direitos?

Perfeitamente. Acreditamos. Admitimos. Embora ainda aí houvesse caracteristicas de que podia lançar-se mão sem ferir as justas susceptibilidades de ninguem, qual seria a de preferir a que tivesse séde em Lisboa, a outra que aqui tivesse apenas uma filial.

Mas quando assim não fôsse, os eleitores da Camara de Compensação tinham então um caminho a seguir: indicar ao sr. ministro das Finanças o numero que praticamente se verificar ser necessario para dali não vir qualquer agravo a esta ou áquela entidade.

O sr. ministro das Finanças não é directamente responsavel pela escolha dos associados da camara. Sabemos isso. O Banco de Portugal indica; o sr. ministro das Finanças confirma, pela nomeação.

Mas o sr. ministro das Finanças não pode esquecer que é o responsavel pelo credito do pais, e que ao credito nacional está intimamente ligado o prestigio dos seus diversos organismos bancarios.

Do esquecimento, ou da exclusão desta ou daquela casa bancaria não vem a esse organismo o menor prejuizo material. Mas ha o prejuizo moral, ha uma especie de atentado ao prestigio de casas respeitaveis, cujo nome representa muitos anos de trabalho, de sacrificio e de sã conducta.

E' a esse aspecto que o sr. ministro das Finanças tem de atender e ainda esperamos que atenda.

A ninguem, nem ao Estado, nem ao Banco Emissor, nem mesmo á industria bancaria convem outra coisa que não seja prestigiar todos os organismos que a compõem.

Praticar seja que acto fôr que represente um agravo moral a ninguem convem e a ninguem cabe o direito de o fazer.

Mas o aspecto moral no mundo do credito é de atender, e ao sr. ministro das Finanças cumpre zelar pelo bom nome de todas as entidades da nossa industria bancaria, não podendo limitar-se a lamentar os factos, e a declarar que não é da sua alçada aquele escolha.

Ha sempre maneira de corrigir um erro e reparar uma injustiça, sobretudo quando tão de perto se prendem ao credito da nação, que é a expressão do prestigio de todos os seus organismos de credito.

Bal-Tabarin

Solita Sanahuga

Foi ontem um completo exito a reaparição neste "cabaret„ da rua da Gloria da insigne artista Solita Sanahuga, que logo ao entrar em scena foi alvo de uma grande manifestação de simpatia pelo numeroso publico que enchia aquela casa de espectaculos, sendo por parte da empresa prestada uma grande apoteose em que, as artistas La Reverito e La Dorotelle e o quadro flamengo, acompanhadas de quatro gentis crianças desfolharam sobre Solita Sanahuga flores e pombas e assim como lhe foi oferecido um magnifico ramo de flores artificiais, com as côres das bandeiras portuguesa e espanhola.

Esta manifestação foi um espectaculo surpreendente, pelo que o publico saiu encantado.

Mais uma vez Solita Sanahuga demonstrou os seus grandes dotes de verdadeira artista, executando com todo o esplendor as suas canções, que as cantou com grande sentimento, entre elas algumas desconhecidas do nosso publico.

A insigne artista foi assombrosa em muitos dos seus "couplets„, a ponto de os ter que bisar, apresentando-se em todos os seus numeros com variado e riquissimo guarda-roupa.

Enfim, é sem duvida uma iniciativa arrojada a permanencia de Solita Sanahuja no Bal-Tabarin Montanha, e a isso se deve aos esforços do seu emprezario sr. Maximiano Ferreira.

Continuam em pleno sucesso, todas as noites, a notavel bailarina La Reverito e a elegante coupletista La Dorotella.

Tambem está obtendo grande exito as cinco mulheres elegantes que formam o quadro flamengo e que constituem os verdadeiros bailados sevilhanos.

O "Bal-Tabarin„ Montanha, além de ter um magnifico salão para "soirées„, tem tambem um esplendido restaurante que fornece magnificamente jantares completos a 10 escudos e ceias completas a 12 escudos.

No dia 8 proximo, inauguração oficial dos bailes de mascaras, que serão abrilhantados por um quinteto e por uma fanfarra.

A fim de satisfazer inumeros pedidos, a empresa resolveu que as sessões de variedades sejam, de hoje em diante, ás 21 horas e três quartos, ás 23 e á 1 hora.

FOTOGRAFIA A CORES NATURAES
(Não confundir com fotografia colorida)
Retratos, Quadros, Interiores, Paisagens, etc.
Unico atelier que a executa
:-: :-: em Portugal :-: :-:
FOTOGRAFIA BOBONE
Tambem executa os demais
:: processos de fotograf.a ::
LISBOA, RUA SERPA PINTO, 11

Boa Pensão
Lindo salão dejantar decorado áLuiz XVI Quartos bem mobilados, amplos, confortaveis, o que ha de mais moderno. Casas de banho. Preços: quarto e pensão desde 20$00 diarios. Reduções a casais. Só pensão, desde 360$00 por mês. —Avenida da Liberdade, 180, junto ao Tivoli. Telefone Norte 987.

Comercio e Industria
Seguros em todos os ramos
R. ARCO BANDEIRA, 22

Dr. Armando Narciso
Regressou de Paris e retomou a clinica. — T. Nova de S. Domingos, 9. (A' Rua do Amparo.)

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 587 Telegramas: Melloseque

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro "Casadas"

DE VAZ FERREIRA

TRANSCREVE-SE

parte dum capitulo

Vaz Ferreira, autor do belo romance "Os Senhores de Marnel", anunciou ha tempo a publicação de uma série de romances, subordinados ao titulo "Três Estados".

Saiu ha meses o primeiro volume desta série, "Solteiras", cujo sucesso correspondeu á espectativa, e está á altura do nome ilustre do romancista.

Acaba de ser publicado agora o segundo volume dessa série, "Casadas", que mantem o fulgor do livro antecedente, e vai marcar para Vaz Ferreira o mesmo exito literario. Toda a obra de Vaz Ferreira é a afirmação de um escritor de folego, e está assente em moldes definitivos, servidos por prosa vernacula, esmaltada de elegancia e sobriedade.

Dias depois eram duas e meia da tarde quando a criada veio anunciar que estava na sala o senhor Sampaio. Marga tinha acabado de vestir-se para saír e ficou admirada. Que vinha ele fazer áquela hora, sabendo estar o marido na repartição?

—Venho pagar-lhe uma divida, minha senhora — disse o Sampaio ao vê-la assomar á porta do corredor.

—Uma divida?

—E' certo: uma divida de generosidade.

Como Marga lhe estendesse a mão, o Sampaio conservou-a apertada nas suas.

—Sômos já bons e intimos amigos, não é assim?

—De-certo — respondeu ela sem compreender o fito daquelas palavras.

—Vê quanta generosidade lhe devo? Esqueceu por completo a minha indiscreta exclamação ao vê-la passar tão linda... tão linda como é na verdade.

Marga, ruborizando-se, quis retirar a mão que uma pressão mais forte conteve nas do Sampaio.

—Não queira levar tão longe o castigo. Que me confunda com a sua generosidade, que me perdoe, vá; mas querer obrigar-me a não a achar linda é de mais. E' mesmo impossivel. — Depois mudando o tom de voz para o ar leve e sereno de franca amizade, soltou a mão de Marga e prosseguiu: — Sejamos liais e sinceros para estarmos á vontade. Firmemos numa promessa um pacto solene. Eu não lhe fôra apresentado ainda. Não me conhecia. Admirei-a e a exclamação saíu-me da bôca... não posso dizer impensada, porque foi sincera, mas expontanea, sem intuito de melindrá-la. Prometa-me portanto...

—Esquecer? Prometo se não tornar a repeti-la — atalhou Marga.

—Perdão, minha senhora. Perdão. Não é essa a promessa leal e sincera que desejo me faça. Assim nao poderemos continuar em frente um do outro sem reserva e sem mal-entendido.

—Que quere que lhe prometa?

—O contrario, precisamente o contrario.

—? !

—E' simples e intuitivo. Prometa-me nunca mais se esquecer da primeira impressão produzida em mim ao vê-la, da minha frase expontanea: «Que linda!» E eu... como não é preciso, escuso de prometer nunca mais lha dizer.

Marga não pôde deixar de sorrir da engenhosa combinação.

—Aceita?

—Seja — condescendeu Marga num gracioso encolher de ombros.

—E quere dar-me a sua mão na solene confirmação deste pacto?

O olhar de Marga fitou-o, brilhou. Um sorriso encrespou-lhe os labios. E estendeu-lhe a mão. O Sampaio apertou-lha, agitando o braço num sacudir expressivo e beijou-lha em seguida.

—Muito bem. Ficamos entendidos sôbre este ponto. Agora, definitivamente bemquistados, seguros do que mutuamente pensamos um do outro...

... ...

O Sampaio tirara a carteira e dela um papel.

—A responder á sua generosidade trago-lhe a generosidade de um amigo. Tenho amigos em toda a parte, até mesmo no inferno com certeza. Alguns que me terão morrido e ou eram levados do d'abo ou uns pobres diabos. Um que tenho em D. Maria, deu-me este camarote para logo. Quere ter a bondade de o aceitar?

—Muito obrigada — teve Marga num lampejo de prazer. Logo, porém recuou: — Não sei se o Xavier poderá...

—Ha de poder, se lho pedir. E como ha de saber pedir quem assim é...

Marga fitou-o num malicioso e repreensivo sorriso.

—Quem assim é apaixonada pelo teatro — concluiu pausadámente o Sampaio, a evidenciar que ela se enganara. E no seu olhar fulgia um sorriso trocista que lhe arqueava mais as guias do bigode.

—Como sabe que o sou?—indagou Marga.

—Disse-mo ha pouco. E que mo não dissesse. Não lhe adivinho os pensamentos?

Marga interdita, aturdida, deixou-se ficar contemplando aquele rapaz que se revelava superior pelas maneiras, pela distinção, pela inteligencia e principalmente pela certeza convicta da sua ascendencia sobre ela.

—Quere dar-me uma das senhas, consentir que a acompanhe no camarote?

—Sem duvida.

No desembrulhar do papel, no rasgar da senha, as mãos de ambos encontraram-se, os rostos curvaram-se um para o outro e houve um instante em que as respirações se confundiram. A senha desprendeu-se finalmente e o Sampaio aprumou-se como num esforço energico.

—Até logo.

Marga ergueu para ele o olhar e repetiu como um eco:

—Até logo. — E depois de uma pausa, disse ainda: — Renovo os meus agradecimentos.

—E a sua promessa tambem?

Ela acenou que sim, já sem rubôr, sem baixar os olhos. O Sampaio beijou-lhe de novo a mão respeitosamente na ponta dos dedos, conservando-os um rapido instante contra os beiços ardentes e secos de uma febre reprimida mas sensivel.

A comédia com que abrira o espectaculo tinha terminado. O sexteto gemia uma musica lenta e triste. Marga veio sentar-se quasi ao fundo do camarote.

—Vou comprar os jornais — disse o Xavier, saíndo.

—Gostou? — quis saber o Sampaio.

—Muito. A rapariga vai bem.

Do que Marga não gostara, fôra do marido a deixar assim sózinha com o Sampaio.

—Não a acha um pouco gorda de mais?

—Talvez.

—Uma mulher forte, roliça já não se póde ver; não é o gosto da época. O figurino é tudo.

Para não ter de falar por maneira a ser ouvido nos outros camarotes, veio ocupar uma cadeira ao lado de Marga.

—O contorno suave, ondulante, flexivel que nos dá o modelo moderno impera despóticamente. Não se admite hoje a rotundidade, a curva pronunciada e cheia da forte matrona do principio do seculo XIX.

—As magras estão mais na moda — confirmou ela.

—*Ma magra, próprio magra no, poi no* lá diz o *caro signor* Benoït da *Bohéme* — ia dizendo o Sampaio, frequentador assiduo do teatro lirico. E logo na certeza de uma resposta afirmativa:

—Conhece a opera?

—Tenho ouvido trechos.

—Nunca viu a *Bohéme?* — estranhou o Sampaio.

—Nunca. — Numa expansão dolente, confessou: — Nunca fui a S. Carlos.

—Nem ao Coliseu?

Fôra umas duas vezes e gostara muito; mas calculava que as operas num teatro seriam outra coisa, dariam outra impressão. Tinha ouvido zarzuelas na Trindade e agradavam-lhe muito mais do que aquelas ressonancias do grande circo.

Pois bem, uma noite arranjaria a levá-la a S. Carlos. Bastava a sua apreciação para revelar que gostava de musica, que tinha uma alma artistica.

Marga agradeceu.

O Sampaio voltou ao assunto anterior: As mulheres corpolentas não tinham para ele encanto. As finas, esbeltas, a parecerem magras, tinham as agradaveis surprezas da carnação firme e discreta, a nervosidade palpavel e a flexivel leveza do ideal. Nas gordas a unica surpreza seria a flacidez mole e frouxa.

Como ia descrevendo o donaire de um corpo elegante e talhando-o á semelhança do dela! Numa linguagem sã, atenciosa, pintava o nu com recato, sem perder o excitante do tema.

Marga estava gostando de o ouvir e lisonjeada intimamente ao reconhecer no que ele ia dizendo que o seu corpo tinha a beleza moderna de uma mulher elegante.

—Se eu fôsse escultor... — exclamou o Sampaio.

—Fazia uma nova Vénus — concluiu Marga.

—Perfeita, se me quizesse servir de modelo.

Marga teve um gesto de arrufo.

—Então? A nossa promessa...

—E' assim que a cumpre?

—Não falto a ela. Que disse eu? Da sua parte é que esquece, ou antes quere esquecer, o que me prometeu. Esta admiração, este culto é inextinguivel, natural e o nosso compromisso consiste em o dar como assente, como dogmatico, como o proprio motivo, a causa mais forte e imperturbavel da nossa sincera amizade.

—Embora o seja, o senhor Sampaio deve não o repetir, não o dizer.

—Tem razão. Limitar-me-hei a revelá-lo.

—E' incorrigivel—rematou Marga sem mostras de zanga.

—Acha incorrecto que a admire?

—Incorrecto não. Tenho confiança na sua delicadeza.

—Agradeço. Se não sou incorrecto, porque me quere corrigir?

—O que desejo é que se cale. Por Deus, não falemos de mim.

—Falávamos da Vénus, de mim, do meu ideal de escultor.

—Nesso assunto podemos continuar. Em que posição coloca a sua deusa?

—Nem sei bem. Não de cócoras como a Vénus acrúpia, nem sem braços como a vinda de Milo. Talvez numa atitude confiante, resoluta, estendendo a mão a uma boa e franca amizade, o olhar direito e firme, um gracioso sorriso cônscio da sua beleza, mas sem vaidade. A vaidade, no nu é o descaro.

—E a outra mão? — atalhou Marga.

—Será muita minudencia. Sobretudo não lha podendo meter no bolso.

—Nem pôr-lhe sobretudo — disse Marga feliz de achar um dito, uma gracinha.

Riram.

Ele achou deliciosa essa *trouvaille* duma Vénus de sobretudo com as mãos nos bolsos.

—Para mim — afirmou o Sampaio — o detalhe é tudo.

E começou contando:

—A primeira vez que fui a Pariz...

Foi interrompido pelo Xavier que voltou dando as noticias dos jornais da noite. Tinha morrido um general. Em França houvera tumulto na Camara. Em Barcelona outra bomba.

Marga chamou novamente o Sampaio á conversa interrompida:

—Ia o senhor Sampaio a contar...

—Já nem sei o quê.

—Da sua primeira viagem a Paris.

—Não me recordo a que proposito.

—Falava de escultura... de Vénus—pormenorizou Marga.

—Ah! Já sei. Ia a narrar impressões sobre a grande arte, a vincar quanto para mim se avoluma o detalhe. Logo que cheguei a Paris corri ao Louvre para me extasiar ante as duas belezas sublimadas pela Arte, a tal arte com A grande: a Vénus encontrada em Milo e o sorriso da Gioconda. Eu digo sempre a Vénus encontrada em Milo, desde que verifiquei que um grande romancista tomou Milo como o escultor dessa estatua. Lá a achei na sua sala especial... Pudéra! E' uma saleta onde cabe a deusa, mas já não cabe quem a queira ver á vontade. Diante dessa obra sublime do escopro grego, os meus olhos deram logo de chapa no pé incompleto, partido, que me impressionou muito mais do que a falta de braços. Pois se eu não conseguia levantar a vista acima daquele arreganhado das roupagens a descerrar o tôsco da pedra em lascas. E é que não pude deitar fóra da minha imaginação a ideia de que a Vénus, a celebre, a divina escultura era uma obra prima... de pé quebrado.

—Mas a Gioconda não é... — ia a interromper o Manso.

—Da Gioconda não sei dizer mais nem melhor. Busquei-lhe a expressão do sorriso, a meiguice das feições, a bondade do olhar; mas só consegui convencer-me do que era uma mulher quasi feia, tendo por fundo uma paisagem pedregosa com uma ponte romana. E do enigmatico sorriso a vista fugia-me sempre para os três arcos da pontezinha sob que marulham aguas, despenhando-se por sucessivos degraus. Aborrecido do meu espirito inestético, antiestético ou estetófobo, só consenti em lançar uma olhadela fortuita á Assunção de Murilho, constitucionalmente enfarpelada de branco com manto azul, como as damas do paço em festa de gala, e então sim, tive a grande sensação da Arte, da boa, da verdadeira, da do A maiúsculo. Ha lá um anjo, cá em baixo ao fim do quadro, do nosso lado direito, apoiado á mãozita pousada numa nuvem, um garoto desatento á contemplação da Madona e á apoteose da Mãe de Deus, que reparou em mim, que repontou comigo e se pôs a olhar-me, quando todos os outros olham para cima, para a Virgem. «Que vens tu cá fazer, ó portuguesinho? Nunca me viste?» E eu comecei a cavaquear com o petiz, esquecido de que ele era pintado e... perante a Assunção só assumi a consciencia de que para mim os detalhes, distraindo-me do principal, me impedem de apreciar as obras primas da arte, que as da natureza... cá as vou examinando e saboreando um pouco menos distraídamente.

... ...

RHODINE

O MELHOR REMEDIO CONTRA

GRIPES - NEVRALGIAS

ENXAQUECAS - REUMATISMOS

Exijem a Marca "RHODINE"

garantia de pureza e eficacia

P-25-6

O CREME Pó de Arroz Zally
Faz as damas formosas
A' venda nos bons estabelecimentos
Preços: Pó 6$00, Creme 6$00 Envia-se pelo correio
R. DAS PEDRAS NEGRAS, 36, 3.º--Telef. C. 1633

A Cidade

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Sède: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20-A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e todos os outros ramos.

Chá das cinco

Relembramos hoje esta cronica de Sarmento Duque. E' uma saudade cheia de melancolia e de ironia—o modelo perfeito do espirito e da alma do nosso querido camarada Sarmento Duque, figura de elegancia e de brilhantismo, que ha dias se esfumou nas telas da vida.

A Dulce

Trazia-o nos olhos e na alma desde aquela manhã em que ali, nas Duas Igrejas, ele lhe preguntara numa voz que cantava doçura é docilidade:

--A menina trabalha no Ramiro?

Ela respondera-lhe que sim, que trabalhava, que mais sofria do que trabalhava — porque o trabalho de sol a sol num «atelier», por muita luz que lá entre, é um pesadissimo madeiro que esmaga a vitima antes de atingir o Calvario...

E estabeleceu-se entre ambos — ambos gentis, ambos moços — uma intimidade que dentro em pouco enfartava de delicias o namorado já bacharel na faculdade do Amôr.

Ela oferecera-lhe um amôr-perfeito, pedira-lhe que o guardasse na carteira depois de murcho, como no coração deveria guardar para sempre o amôr-perfeito dela no dia em que, fatigado, o visse murchar.

Na união dos labios ele garantia-lhe uma paixão eterna, esquecido de que as paixões só são eternas quando vivem da esperança sempre ambicionada e sempre irrealisada de beijar...

Eterno será, afinal, o sofrimento dela porque a eternidade apaixonada daquele que era o seu deslumbramento, durou apenas três semanas celeres. Ele desapareceu. Ela veio a saber que casára com uma vulgarissima princesa dos escudos, educada e enriquecida na escola neo-elegante da Praça da Figueira.

Euxugou as lagrimas. Voltou para o «atelier», a gaiola que encarcera todas as suas ilusões perdidas e a obriga a sofrer duplamente. Vergada sobre a costura, distrai-se a miudo. Cada distracção custa-lhe um enterrar de agulha nos dedos finos, que a arranca do sonho que ainda teima em sonhar e a atira para a realidade do seu martirio....

....

Esta é a historia singela de Dulce que ha dias prometi contar. Resta acrescentar-lhe um epilogo. A Dulce suicidou-se ontem: casou com um mercieiro alentadissimo que a proíbiu de lêr a «Zilda» e de frequentar os animatografos.

SARMENTO DUQUE

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s[Londres	—	94$75
s[Madrid	—	3$04
s[Paris	—	$78
s[Suissa	—	3$78,5
s[Bruxelas	—	2$74
s[Nova-York	—	19$60
s[Amsterdam	—	7$84
s[Italia	—	$88,5
s[Brasil	—	2$32
s[Praga	—	$58,5
s[Suecia	—	5$24
s[Austria	—	2$77
s[Berlim	—	4$67
Libra esterlina	95$50	97$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1[2 0[0 1923	601$00
» Externas 1.ª serie	682$00
Acções do Banco de Portugal	790$00
» do Banco Lisboa & Açores	495$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	114$50
» da Companhia dos Tabacos	1.150$00
» da Companhia do Gaz, 1922[23	—
» da Companhia do Amboim	90$00
» da Companhia Colonial do Buzi	—

UM ACONTECIMENTO

A PROXIMA reaparição da "cancionista" Conchita Ulia em palcos portuguêses

Conchita Ulia, um grande nome do mundo das variedades que em Portugal passou a ser um elegante nome do mundo das elegancias, volta ao teatro!

A noticia, que explodiu como uma bomba, cujos estilhaços vamos tentar reunir, tem, entre as hostes lisboetas, um curioso interesse bairrista e, entre as hostes artisticas espanholas, um autentico interesse de valores.

Conchita Ulia, que chegou a Lisboa num exito ascencional, triunfante nas cidades universitarias das variedades — Barcelona e Madrid — e deixando pelo

CONCHITA ULIA

caminho figuras como Mercedes Serós, vai encontrar, no seu regresso, um dos melhores lugares da primeira fila do genero.

Com Raquel em[illegible]ada, La Goya com um pé no estribo da retirada e Argentinita desviada pela excentricidade e pelo baile, faltava em Espanha a figura necessaria para cultivar a maneira sentimental que arrasta o publico para as séries de enchentes colossais, olvidadas pelas emprezas que esperavam «o» Messias.

Prova real desta afirmação é a proxima reaparição de Conchita no teatro «Romea» de Madrid, a catedral das variedades, e a longa «tournée» que, pelas cidades espanholas, lhe prepára um empresario de grandes celebridades, que a acolheu entusiasmado.

Mas estas notas, de valor internacional, não têm circulação fiduciaria na bolsa lisboeta, que as quere trocadas em meudos.

Vamos, pois, satisfazer a curiosidade alfacinha, levantando uma ponta do véu, do véu que se antepõe, em porta diafana á entrada dos salões elegantes da residencia de Conchita.

Em três amplas salas sucessivas admiram-se moveis preciosos que fôram scenario da vida intima da artista, quando esta abandonou o outro scenario, o scenario da sua vida para o publico.

Muitos retratos de familia, poucos retratos de criações familiares de todos nós —«a hierro mata», «La Cócó», recordações nostalgicas que são toda uma justificação da volta de Conchita.

Assim o confessa a nostalgica, recordando a frase do «Kean»:

—«Este calice fatal, uma vez provado, tem que se exgotar até á amargura...» De resto, julguem o que quizerem. E' um direito que não pósso negar ao publico, desde que volto a viver para ele.

—E quando volta?

—No dia 12, no Teatro do Ginasio. Amelia Rey Colaço, de quem sou amiga e admiradora, e seu marido, um empresario lealissimo, quizeram, com o seu trato tão elegante, suavisar o choque da evolução de ambiente, a que o regresso me obriga.

—Reportorio...

—O melhor que encontrei em Madrid, onde estive recentemente, mais de uma vez, escolhendo, e fazendo escrever pelos melhores autores, numeros de exito que caibam na minha maneira. Não direi titulos nem marcarei preferencias. O publico se encarregará de o fazer por mim, fixando os que lhe agradarem, olvidando os que o não interessem.

—*Toilettes*...

—Ribeiro da Costa, o modisto das elegancias lisboetas, foi a Paris escolher varios modelos e no seu bom gosto confio para bem vestir os «numeros», conforme as indicações que lhe dei.

—Scenario...

—Foi ainda um colaborador português quem escolhi para o confeccionar. Elisio Santos prepara-me um *décor* que preferi a todos que me ofereceram em Madrid.

—Diz-se que vai ganhar muito dinheiro...

—Talvez... em Espanha e pelas Americas. Em Lisboa, a que dou preferencia por simpatia e afrontando comentarios, não ganharei para um terço das primeiras despesas.

—...

—Cem contos, pelo menos.

—Anuncia-se que «La Goya» coincidirá consigo nos mesmos dias e na mesma rua...

—Coincidencia que muito me honra. Sômos amigas, da mesma região de Espanha e ambas temos apelidos de origem francesa. Coincidencias que uma empresa, com quem estive para me contratar, quiz repetir uma vez mais...

Pelo olhar inteligente de Conchita passa, num sorriso, a sombra duma ironia, que depressa se suavisa ao olhar entristecida a dôce intimidade do lar que a vai ver partir.

—Por toda a explicação murmura essa palavra tão bela que Garrett cantou:

—... Saudade...

E, ao ouvi-la, compreendemos que, não só pelo passaporte, é Conchita Ulia, actualmente, a primeira artista portuguesa do grande mundo das variedades.

EM CASCAIS

O NOVO preço da agua e as necessidades de uma região de turismo

Até á redacção do nosso jornal têm chegado, nos ultimos dias, muitas reclamações de habitantes dos Estoris e Cascais.

Motivo das reclamações: um edital mandado afixar pela comissão administrativa da camara do concelho, edital que diz respeito ao fornecimento de aguas e que é concebido nos seguintes termos:

A comissão administrativa da Camara Municipal de Cascais faz publico, que a partir de 1 de Janeiro de 1927 o preço de cada metro cubico de agua fornecida pela camara é de 2$00 acrescido de 10 o[o para a Assistencia do concelho; *a)* que continuam em vigor as disposições relativas a contadores de pressão; *b)* que as reparações dos contadores são de conta do consumidor *c)* que os futuros consumidores terão deadquirir contadores, podendo efectuar o pagamento deles, quando fornecidos pela Camara, em 12 prestações mensais.

* * *

Que dizem, em resumo, os que se nos dirigem apelando para a publicidade do *Diario de Lisboa* e para as suas tradições?

Que as medidas preconisadas no edital que vimos de transcrever se não justificam e se não explicam sequer.

Têm razão, não têm razão os que protestam?

Não nos compete a nós averiguar isso. Mas, gostosamente, nos referiremos aos argumentos que apresentam e que são de molde a convencer.

A população dos Estoris e de Cascais considera inoportuno o aumento de preço de um genero essencial á vida, como é a agua. Com o imposto de assistencia, o preço do metro cubico de agua passa a ser de dois escudos e vinte centavos. Exagerado, dizem os que reclamam. Se estabelecermos o paralelo com o preço que a Companhia na capital tem feito até agora, evidentemente que é exagerado.

E depois pergunta-se: ha uma instituição de assistencia privativa do concelho e que justifique a taxa respectiva? Porque o consumidor que, atravez a agua que consome, já paga para manter um serviço de socorro para incendios, não pode estar a manter, atravez a agua, todas as entidades e organismos de socorro.

* * *

Mais dizem os reclamantes. A região afectada pelas determinações do municipio de Cascais é precisamente uma região de turismo e como tal apartada e apregoada.

Ora fazer turismo sem agua é impossivel. Como impossivel é fazer turismo com agua a preços proibitivos. Quem vai, de ora ávante, ter interesse em manter belos jardins, esplendidas plantações, deslumbrantes flores ao longo da margem do Tejo? Os particulares não, desde que lhes não facilitem para isso os necessarios elementos. E aí está como, valendo-se de impensadas determinações, se pode prejudicar um dos mais bonitos e dos mais bem tratados pedaços de Portugal.

Insistimos em nos referir ao caso por virtude de ele nos ter sido apontado por algumas pessoas que habitam a região e nos merecem o maior respeito. Parece-nos que sobre ele devem pensar atentamente os que disso têm dever.

Hoje No NACIONAL FREI LUIZ DE SOUSA Hoje

CRETONES PAPEIS PINTADOS
Largo S. Julião, 12, 1.º

Prefiram os taxis
Esfera Encarnada
Bandeirada 1$60 -- Fracção $40

Casa Palissy Galvani
GUILHERME F. SIMÕES, LIMITADA
Colocações e reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios.—Luz electrica—Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade.—Preços sem competencia. — Descontos aos revendedores.
13, RUA SERPA PINTO, 15—LISBOA
Telefone C. 641

A Cidade

Teátro Maria Vitoria
Hoje
A revista
Sempre fixe!

"PREMIERES"

A PEÇA "Fruta Verde" sóbe ámanhã á cena no Teatro das Variedades

O Variedades, pela sua elegancia, pelo seu conforto, pela sua situação no Parque Mayer e, portanto, rentinho á Avenida da Liberdade; pela sua exploração actual e pelo prestigio e fama que já lhe trouxe a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho é, hoje, das casas de espectaculos de Lisboa de maior destaque, mais da simpatia do publico. O seu genero—comedia e farça completas, em sessões—agradou e venceu. Os seus espectaculos de gargalhada e de espirito, alegrando e dando vida a esta cidade tão carecida de animação e de ruido, são já conhecidos de toda a gente e do agrado absoluto de meio mundo. Depois da comedia *Era uma vez uma menina...* com que tão auspiciosamente se inauguraram as suas recitas, e da farça *O Pinto Calçudo,* que ontem saiu de scena com 58 representações, Maria Matos, a actriz eminente e a mestra ilustre ensaiou, para ver amanhã naquele palco a luz da ribalta, a comedia francesa de Pignoux e Thery, tradução de Lino Ferreira e Alberto Morais, *Fruta Verde* em que a referida artista tem um papel soberbo, entrando no desempenho Henrique Alves, no principal personagem masculina; Paz Rodrigues, Maria Lagoa, Berta de Albuquerque, Maria de Luna, Miquelina Rodrigues, José Gamboa e Antonio Palma, nos dois galãs, João Lopes, Santos Melo, Joaquim Miranda, Cardoso e Artur Silva.

MARIA MATOS

A protagonista foi confiada á talentosa e brilhante actrizinha Maria Helena, a sublime interprete de *Era uma vez uma menina...* e que, por virtude do seu triunfo nesta comedia tem a aplaudi-la sempre todos as carinhosas mulheres da nossa terra.

DE LUTO

Frederico Carlos Moniz

Faleceu hoje, depois de prolongado sofrimento, na rua Maria Andrade, 7, r|c., o sr. Frederico Carlos Moniz, antigo colaborador de varios jornais diarios da capital e durante mais de 25 anos do nosso colega «O Seculo», dirigindo tambem por alguns anos o extinto Corpo Auxiliar de Salvados, integrado no Corpo de Bombeiros Municipais.

O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 14 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

SELOS E LETRAS
Reabriu, devidamente montada, a antiga secção de valores selados da
Tabacaria Serras — Rua do Ouro, 25

CRONICA DE VIAGEM

UMA NOITE em Olivença...

ouvindo falar a lingua portuguêsa sob a bandeira espanhola

Numa tarde fria de Dezembro — a ultima do ano — desembarcaram em Olivença três alentejanos, um trasmontano e um oficial do Exercito. O trasmontano era jornalista. O oficial do Exercito era da 1.ª região.

A viagem tinha sido pitoresca. Através dos vastos montados alentejanos que confinam com a fronteira, conduziu-nos um simpatico automovel americano, que cumpriu dignamente, orgulhosamente a sua missão. Algumas peças ficaram pelo caminho. Mas o carro andou sempre. Andou mesmo debaixo de agua, na passagem Jo Djebe, e passou sobre a petulancia chauvinista dum «carabinero», que se levantou do chão a assobiar a «Marcha Real», fresco como uma alface.

O auto fez do motor coração — para nos deixar em Olivença. E que grande coração!

Antes de chegar a Mourão, proximo da fronteira, recortou-se no horizonte a silhueta elegante do castelo de Monsaraz. O dia estava cinzento. A Serra da Luz coberta de neblina. A luz estava apagada.

De Vila Nueva del Fresno á antiga vila portuguesa de Olivença não são mais de 40 quilometros, por uma estrada que merecia ser condecorada pelo menos com a Ordem do Merito Agricola. Ai! nós acabavamos de fazer algumas dezenas de quilometros sobre estradas portuguesas! Não é preciso dizer mais nada. Os automobilistas já sabem o que isso representa. Póde representar um braço partido. Póde representar os dois.

Isto agora é outra engenharia. O carro deslisa suavemente. Setenta quilometros á hora — sem pedir ao motor o mais pequeno *surmenage*.

Passamos em Alconchel. Atravessa a praça um cortejo nupcial. A noiva sorri. Um sorriso bordado por uma mantilha preta. Seguem atrás outras mantilhas Lindas mantilhas!

O castelo mergulha as suas ameias crenelados no azul do céu.

E eis-nos em Olivença. E' quasi noite O jornalista, talvez por vicio, vai tomando notas. O oficial do Exercito, por curiosidade, acesta o monoculo sobre a velha Torre de Menagem que domina a antiga praça forte. Os três alentejanos começam a experimentar a sensação inédita de se encontrarem no estrangeiro. Estrangeiro — Olivença!? Já o veremos. E sorriem. Como todo o bom português, sentem uma vocação extraordinaria para falar espanhol.

Ao primeiro transeunte que encontram, atiram a pergunta sacramental do *globe-trotter*, que está traduzida em todas as linguas do mundo nos guias de conversação:

—*Haga Usted el favor de decirme onde es el Correo?*

E a resposta, em português castiço, deixa-os surpreendidos:

—Vai por esta rua, toma depois á esquerda, passa em frente da igreja da Madalena e pergunta ali, que qualquer pessoa lhe diz.

—Muito obrigado.

—Não tem de quê.

Na igreja de Santa Maria do Castelo, enquanto procuravamos decifrar as inscrições tumulares que cobrem ossadas portuguesas, o sacristão aproximou-se de nós:

—Se querem vêr mais inscrições, eu levanto este tapete.

—Muito obrigado.

E ele, procurando sempre ser amavel, informa:

—Esta igreja é muito antiga. Foi construida pelos Templarios, no tempo do rei D. Diniz...

A informação estava errada. A amabilidade estava certa.

No café. O criado que nos serve:

—Prefere o café com leite ou sem leite?

Na rua. Atiramos a uma mulher que passa um cumprimento:

—Boa noite.

E ela responde, naquele português tão dôce que se fala em Olivença:

—Boa noite, senhor homem.

No hotel. A' mesa:

—Estas azeitonas são de Olivença?

A criada, que se chama Aurora e tem um sorriso parecido com o nome:

—Não. Estas são de Elvas. E' uma especialidade portuguesa.

—A menina nasceu em Olivença?

—Nasci.

—Mas fala português...

—Aqui todos *falemos* português, senhor.

Quando chegámos, olhavam-nos com curiosidade, que nos pareceu desconfiança. Não era. Era simpatia. Era mais do que simpatia — era carinho.

A' saída da escola, acercou-se de nós um rancho de crianças. Uma delas disse:

—Olha um oficial português.

E veio cumprimentá-lo.

—Como passou?

—Eu bem; e o menino?

—Bem, muito obrigado.

E sorria. Nos seus olhitos ingenuos, que não devem ter mais de nove anos, passou um clarão de simpatia. Os meus humedeceram-se de lagrimas!

Estamos então numa terra espanhola diferente de todas as outras. Escrevem-se em espanhol as actas do *ayuntamiento*, mas fala-se português em toda a parte. Sentimo-nos, portanto, em nossa casa. Em nossa casa — mas interditos!

Olivença! Este nome sôa aos nossos ouvidos com uma doçura infinita. Doçura e saudade.

Matos Sequeira, Rocha Junior, Alberto de Sousa — meus amigos! — é preciso ir a Olivença para aprender a amar o vosso livro. Mais do que vocês disseram sobre Olivença-a-linda, já não é possivel dizer. O que ha é ainda luz nos nossos olhos para vêr, e sangue português no nosso coração — para amar.

Naquela noite de Dezembro — a ultima do ano — algumas pessoas festejaram a meia noite. Os cinco portugueses que tinham ido a Olivença tambem.

—*Una copita de cazalla?*

—*Muchas gracias.*

Era um espanhol que não tinha nascido em Olivença.

—Este senhor prefere, talvez, vinho do Porto. Tambem temos.

Era uma voz de mulher bem timbrada, bem portuguesa — que tinha nascido em Olivença.

Proximo da casa onde nós estavamos, ouvia-se um gramofone. Tocava uma *malagueña*. Uma voz espanhola saía da campanula e enchia a noite de alegria.

Meia noite. Os sinos portugueses da igreja de Santa Maria do Castelo anunciam o ano novo, que começa. O som do bronze repercute-se por toda a vila. E' a voz da saudade.

Depois, cai um grande silencio sobre Olivença, que dorme. A casaria branca de neve perde-se dentro do misterio da neblina. Silhuetas indecisas e encapuchadas atravessam a noite.

Passa uma mulher, com uma criança ao colo. Vem tambem de festejar a meia noite em qualquer casa amiga.

E' ela a primeira que nos cumprimenta:

—Boa noite.

E eu respondo-lhe, com intenção:

—Boa noite, senhora mulher.

Olivença dorme o primeiro sono. Recolho ao hotel. E como Henri Beraud em Berlim, meto-me na cama, leio duas paginas duma novela qualquer e apago a ultima lampada de Olivença.

NORBERTO LOPES

Pelos teatros

A «Garçonne»

Um nosso colega da manhã no seu numero de ontem, insere na primeira pagina uma local lançando a excomunhão sobre a empresa do teatro da Trindade, sôbre a peça «Garçonne» que ali sobe á scena depois de ámanhã e sobre todas as pessoas que assisti em á sua representação. A excomunhão, já se sabe, é movimento platónico; não é lançado pela igreja, é pelo jornal que apenas tem poderes jornalisticos e como tal apenas póde apontar ao castigo que a Igreja não se incomodará a dar. «A Garçonne», que é afinal uma peça bem mais moralizadora do que muitas modas «blanches» que nós conhecemos, é classificada como «torpesa nojenta, lamaçal», e não sabemos que mais. Damos, porém, de barato que assim seja. O que é curioso e extranho é que o nosso colega proclamando a torpesa do espectaculo e anatematizando as senhoras que lá forem, declara que lá estará para tomar nota das que infringiram a ordem ou desprezaram o conselho. Afinal sempre vai... para fiscalizar.

Teatro Nacional

E' hoje a ante-penultima representação do celebre drama «Frei Luiz de Sousa» que o actor-empresario Alves da Cunha caprichou em pôr em scena com toda a propriedade de ensecenação e de indumentaria. A brilhante companhia que Alves da Cunha dirige interpreta magistralmente a imortal peça de Garrett. Depois de amanhã retira do cartaz «Frei Luiz de Sousa», para dar logar ao original «Justiça!!» de Ramada Curto, que sobe á scena no proximo sabado. Nesta peça entram quasi todos os artistas da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, incluindo a grande actriz Adelina Abranches.

Ramada Curto

A notavel peça «O Caso do Dia», o original que venceu esta epoca, perfaz amanhã, no Teatro do Ginasio, vinte representações seguidas, registando sempre a melhor concorrencia de publico. Comemorando este facto, na verdade digno de menção, os ilustres artistas-empresarios Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, com o concurso dos artistas da sua companhia, dedicam a recita de amanhã ao distinto escritor e dramaturgo Ramada Curto que, no Caso do Dia, mais salientemente veiu pôr em destaque o seu belo talento e as suas qualidades de homem de teatro.

Atrás do reposteiro

A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga realisa hoje no Teatro da Trindade a ultima representação da peça «Uma mulher sem importancia», realisando-se em «Fim de Fiesta» o recital poetico do actor-declamador uruguaiano Heraclio Seña. Amanhã realisa-se o ensaio geral da peça A «Garçonne».

– Os papeis de «Condessa Maria», «Rosaria» e «Clotilde», da peça «A Condessa Maria», de Luca de Tena, que em breve sobe á scena no Teatro do Gimnasio, vão ser interpretados, respectivamente, por Emilia de Oliveira, Amelia Rey Colaço e Constança Navarro.

– Pede-nos o escritor Avelino de Sousa que em seu nome declaremos que não tem responsabilidade alguma no artigo publicado no semanario «Canção do Sul» ácerca da peça «Mouraria»—artigo que, aliás, está assinado pelo seu autor—pois nem sequer até hoje a viu representar nem sobre ela emitiu qualquer outra opinião, que não fosse a de registar jubilosamente o seu exito.

– Registou ontem nova enchente o Teatro Politeama, onde há dias se encontra em scena a interessante peça policial «Os Gatunos» brilhantemente interpretada pela companhia Ilda Stebini-Alexandre de Azevedo.

—Encontram-se em vias de restabelecimento os emprezarios Antonio Macedo, do teatro Maria Vitoria, e Luis Pereira, do Teatro Politeama, doentes desde ha dias.

– Hoje é a 45.ª representação do «Principe Orloff» no Teatro São Luis que está a despedir-se pois, na proxima semana faz-se reprise da opereta «Roma Galante» para reaparição dos artistas Sofia Santos, Maria Alvarez e o tenor Fernando Pereira e da opereta «Benamôr» para reaparição da actriz cantora Alice Pancada tomando parte pela 1.ª vez nesta peça o baritono Sylvio Vieira.

– No Coliseu dos Recreios inauguram-se hoje os espectaculos da Companhia de opera italiana, com a «Carmen». Amanhã canta-se a «Fedra», de d'Anunzio e Pizzetti, e depois de amanhã «A Manon» de Massenet, em que se estreia o celebre tenor Cristi Solari.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«Frei Luiz de Souza».
São Luiz—A's 21—«O Principe Orloff».
Avenida—A's 21,30—«O pé de salsa».
Trindade—A's 21,15—«Uma mulher sem importancia».
Politeama—A's 21,30—«Gatunos».
Gymnasio—A's 21—«O caso do dia».
Apolo—A's 20,30 e 22,30—«Mouraria».
Eden—A's 20,45 e 22,45—«Cabaz de Morangos».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Pinto Calçudo».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Sempre fixe».
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Carmen».
Bristol Club-Dancing—O unico sempre em festa.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—A's 21,15—Variedades.
Olimpia—Das 2 e 1[1/2] da tarde ás 12 e 1[1/2] da noite—Animatografo.
Salão Ideal—Animatografo.
Joaquim d'Almeida—Cinema e variedades.

VARIEDADES — (Parque Mayer)
Teatro de Comédia e Farça
Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho
Hoje
O Pinto Calçudo
Ultimas representações

POLITEAMA *Empresa Luiz Pereira — Telef. N. 3028*
HOJE — Companhia Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo **A's 21,30**
GATUNOS

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21,30: REPRESENTAÇAO
do "vaudeville"
O Pé de Salsa

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés

Evitam e curam radicalmente as FRIEIRAS, suprimindo logo a dôr, comichão, inchação e inflamação.

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.
Deposito: MARIO BRANDÃO—Travessa Nova de S. Domingos, 9, 3.º—Lisboa.
N. B.—Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.—**Laboratoires J. Nante, 62—Avenue Gambetta—Paris.**

DINHEIRO!!
Sobre joias e metais preciosos, papeis de credito mobilias, pianos, maquinas de costura e de escrever, roupas e tudo o mais que ofereça garantia.
Juro resumido
Carvalho & Crispim, Ltd.
Rua de S. Pedro d'Alcantara n.º 45-A
Telefone 1562 Norte

MUNDANISMO

Casamentos

Com grande brilhantismo realizou-se na paroquial igreja de Bemfica, o casamento da senhora D, Natalia Fernandes, filha da senhora D. Beatriz Fernandes e do sr. Antonio Fernandes, com o sr. José Luis dos Santos Romão, tenente do grupo de artilharia a cavalo, filho da senhora D. Isabel Maria dos Santos Romão e do sr. Santos Romão, já falecido, tendo servido de madrinhas a avó paterna da noiva senhora D. Eugenia Soares Fernandes e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Anastacio Fernandes, avô paterno da noiva e dr. Joaquim Manuel Romão, irmão do noivo.

Celebrou a cerimonia religiosa o reverendo sr. dr. Joaquim Manuel dos Santos Romão, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminado o acto religioso foi servido na residencia dos avós e padrinhos da noiva, á Avenida da Liberdade, um fino «lunch», seguindo depois os noivos no rapido da tarde para Coimbra, donde partiram para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» vir-se grande numero de artisticas prendas.

A caridade

Chá dançante

E' cada vez maior o interesse que está despertando no nosso meio elegante o «chá dançante» de caridade, que na tarde de quinta-feira se realisa nas belas salas do Avenida Palace, a favor da benemerita instituição «Florinhas da Rua», levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade.

Os poucos bilhetes que restam, visto que são em numero limitado, devem ser requisitados pelo telefone Trindade 85.

As mesas para o «chá» que serão colocadas no salão de dança, marcam-se no Avenida Palace.

Pontos de reunião

No Trindade

Estreia-se esta noite em fim de festa neste elegante teatro, o notavel declamador uruguaiano Heraclio Seña, rival da ilustre artista D. Berta Singerman, que neste teatro alcançou um exito sem egual. Completará o espectaculo uma das melhores peças do repertorio da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

Por todos os motivos a noite de hoje no Trindade vai ser elegantissima.

No Ginasio

Realisa-se amanhã neste elegante teatro, onde continua em scena com extraordinario exito a magnifica peça «O Caso do Dia», original do brilhante dramaturgo sr. dr. Ramada Curto, a recita dedicada pela empreza ao distinto comediografo, sendo de prevêr uma noite elegantissima, visto as gerais simpatias de que gosa o homenageado.

Doentes

Pelo ilustre clinico sr. dr. Azevedo Gomes foi ha dias operada, na casa de saude de Benfica, a sr.ª D. Izabel Ferreira cujo estado é muito satisfatorio.

Em viagem

Partiu para as Caldas da Rainha, com sua esposa a sr.ª D. Maria Inocencia Infante da Camara Martins Pereira, o sr. dr. Carlos Leal Martins Pereira.

—Acompanhado de sua mãe, encontra-se em Lisboa, vindo do Porto, o sr. Antonio Anciães Proença.

—Vindo do Porto, encontra-se em Lisboa, hospedado no Metropole, com sua esposa, o sr. Manuel da Costa.

—Com seus filhos, estão na Figueira da Foz os srs. viscondes de Montargil.

—Partiu para Faro, com sua esposa a sr.ª D. Izabel Fialho de Mendonça, o sr. Jorge de Mendonça.

—Está em Cintra, com sua esposa a sr.ª D. Maria do Carmo Borja Trindade Pereira de Almeida, vindo da quinta do Viso, perto da Figueira da Foz, o capitão de artilharia 2, sr. Carlos Luiz Pereira de Almeida.

—De S. Braz de Alportel, regressou o sr. José Viegas Louro.

Teatro São Luiz
Lisboa inteira, mais de 60.000 pessoas, têm ido vêr a opereta
O PRINCIPE ORLOFF
AUZENDA DE OLIVEIRA
na encantadora toilette de veneziana do 3.º acto
Hoje — Todas as noites — Sempre
O PRINCIPE ORLOFF
O teatro tem aquecimento

A's 21,15 horas **TRINDADE** Telef. T. 976
Companhia Lucilia Simões-Erico Braga
Hoje:
Ultima representação de
UMA MULHER SEM IMPORTANCIA
RECITAL UNICO em "Fin de Fiesta"

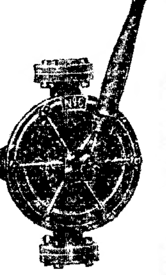
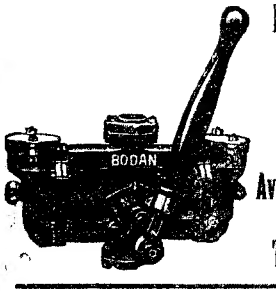
A CAMPONEZA e o EMIGRANTE, AVÉ-MARIAS, O FADO DO OPERARIO e A MENINA DO CONSERVATORIO, são, entre outras, as atracções do novo quadro FÓRA D'HORAS, que, com A BALA HUMANA ampliaram no EDEN, a revista CABAZ DE MORANGOS, sendo seus interpretes Deolinda de Macedo, Elisa Carreira, Ema d'Oliveira, Rosalina Sayal, Antonio Gomes, Alfredo Henriques, Miguel Orrico, Casimiro Rodrigues, Fransis e Mario Campos

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

POLICLINICA DO INTENDENTE
ALMIRANTE REIS, 27, 2.º—Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral operações ás 16.

BOMBAS ORIGINAL ALLWEILER
Mais de 3 milhões vendidas
Sempre preferidas pela boa qualidade
Para agua e liquidos quentes ou frios
Fazem entrega imediata os ARMAZENS DA ESPECIALIDADE E DE FERRAGENS



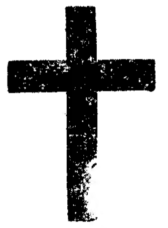
Representante: Albrecht Löbe
LISBOA Av. da Liberdade, 18
PORTO T. da Fabrica, 46

MOBILIAS

CASA de jantar H. 2.º, (11 p.)	1.300$00
Dita com vitraux e espelhos (17 p.), freijó	2.100$00
Dita nogueira, (18 p.), rica	6.000$00
Quartos de cama, (7 p.), desde	1.700$00
Escritorios (5 peças), desde	800$00
Salas de visitta (12 p.), á inglesa	550$00
Camas, á inglesa	160$00
Toilettes, espelho bisó	400$00

Além destes artigos ha mais variedades. Pianos, cofres e oleados.
M. Lopes Coelho, Brito, L.da
R. Atalaia, 71, Tel. 287, T.

Sortes grandes? só o **PINA** as vende
75—Rua de S. Paulo—77



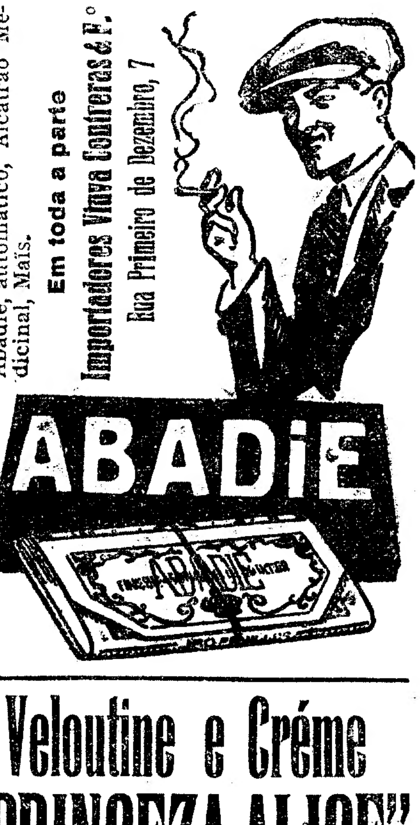
Luiz Gonzaga Ribeiro

Confortado com todos os sacramentos da Igreja

FALECEU

Luiz Gonzaga Ribeiro Junior, sua mulher e filhos, José Gonzaga Ribeiro, sua mulher e filhos, João Gonzaga Ribeiro e sua mulher, Maria Carolina Gonzaga Ribeiro, Sophia Gonzaga Ribeiro Lopes e seu marido, Elisa Gonzaga Ribeiro Vaz Monteiro, seu marido e filhos, Capitolina Gonzaga Ribeiro de Freitas Moniz, Aida Gonzaga Ribeiro, Elisa Ribeiro Pereira Rodrigues, Laura Gonzaga Ribeiro, Gregorio Gonzaga Ribeiro e sua mulher, Luiz Gonzaga Ribeiro d'Avelar e sua mulher (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar a todos os parentes e pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar a sua divina presença o seu muito querido pae, sogro, avô, irmão, cunhado, sobrinho e tio e que o seu funeral se realisa amanhã, 4.ª feira, saindo o prestito funebre da estação do Caes do Sodré, pelas 15 horas, para jazigo de familia no cemiterio dos Prazeres. Não se fazem convites especiaes atendendo ao estado de consternação em que se encontram.

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

13 GRANDES PREMIOS
O melhor papel de fumar Riz Abadie, automatico, Alcatrão Medicinal, Maïs.
Em toda a parte
Importadores Viuva Contreras & F.os
Rua Primeiro de Dezembro, 7


Veloutine e Créme "PRINCEZA ALICE"
São os productos que, devido á sua excellente composição, dão á pelle toda a frescura e belleza da mocidade. A' venda na Perfumaria Viuva de José Dias, rua dos Fanqueiros, 342, (Frente ao Mercado).

Que brinde poderá haver mais chic do que uma linda Pele ou uma magnifica mala das que vende a
Pelaria Confiança
R. da Palma, 3 e 3-A—Tel. Norte 3691

ESTRANGEIRO

PORCELANAS DA VISTALEGRE
Artigos proprios para presentes do Natal
DEPOSITO DA FABRICA:
L. do Chiado

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

O presidente Doumergue recebeu, no Palacio do Eliseu, os cumprimentos do corpo diplomatico, pela entrada do ano novo.

Em nome dos seus colegas, falou o nuncio de Sua Santidade, que proferiu um magnifico discurso, onde não houve apenas as expressões protocolares proprias da hora diplomatica que passava.

Mgr. Maglione referiu-se aos esforços feitos pela França para conseguir a pacificação dos povos, dentro duma atmosfera de fraternidade espiritual que seja propicia a novos progressos morais, economicos e sociais.

O sr. Doumergue respondeu o seguinte:

"O ano que acaba de terminar despertou nos paises ainda sacrificados e ensanguentados pela guerra uma grande esperança. Marcando um novo progresso no caminho da aproximação das nações e da solução arbitral dos litigios, o ultimo ano viu, finalmente, estabelecer-se entre os povos, que tantos conflitos suscitaram uns contra os outros, uma colaboração pacifica que será para o mundo uma garantia de segurança, se cada um contribuir para essa obra com uma boa vontade sincera e um espirito de generosa humanidade, sem deixar de cumprir lealmente os compromissos internacionais„.

Oxalá que as palavras do sr. Doumergue encontrem eco por esse vasto mundo!

■

Um pintor romaico pretende ter descoberto um vivo exemplar da Venus de Milo. E' uma americana de ascendencia irlandeza, cujas dimensões se ajustam quasi rigorosamente ás da celebre estatua de Milo. Falta apenas um pequeno centimetro para o pescoço e alguns milimetros para as ancas...

A opera no Coliseu

Amanhã unica audição da "Fedra„ de d'Annunzio e Pizzetti

Hoje canta-se "A Carmen"

E' hoje, com a Grande Companhia de Opera Italiana, que acaba de realisar com um notavel brilho a temporada lirica oficial, inaugura no Coliseu dos Recreios a série de dez espectaculos que ali vai dar a preços populares, e com operas todas diferentes, o que equivale a dizer que nenhuma se repetirá, embora seja grande o exito obtido por cada uma delas.

Hoje canta-se a "Carmen„ a bela opera de Bizet, que encontrou a protagonista ideal na grande cantora Florica Cristoforeanu, reconhecida pela critica de todos os paises como a melhor intreperte dessa extranha e ardente figura de sevilhana.

A opera que ámanhã sóbe á scena é a "Fedra„ tragedia genial de Gabriel d'Annunzio, musica do celebre compositor Ildebrando Pizzetti, o chefe da moderna escola italiana. Esta obra admiravel, cheia de beleza e de inspiração, foi um dos mais acentuados exitos da temporoda de S. Carlos, constituindo para a eminente cantora tragica Guilia Tess, que interpreta com fogo e com sublime paixão a protagonista um grandioso e inolvidavel triunfo.

A terceira récita é com a "Manon„ de Massenet, em que se estreia o celebre tenor Cristi Solari.

TELEGRAMAS

Pelas sete PARTIDAS DO MUNDO...

Do Brasil

RIO DE JANEIRO, 3.—O Banco Germanico da America do Sul, que havia sido encerrado pelo governo, por ter realizado operações que lhe estavam vedadas pela lei, foi autorizado pelo governo a reabrir.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 3.—Nos portos do norte estão armazenadas grandes quantidades de madeiras, prontas a ser exportadas. Em Belem vai realizar-se uma grande reunião de interessados, para assentarem na forma de intensificar o comercio dos produtos das florestas.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 3.—O "Jornal do Comercio" publica um longo artigo de critica severa á Comissão Oficial de Box, constituida, na sua maior parte, por estrangeiros, por permitir lutas desiguais, como a de José Santa com Klausner. Os outros jornais manifestam a mesma opinião, dizendo-se que a referida comissão pretende desmoralizar o "box" nacional.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 3.—Chegaram o dr. Pedro Leão Veloso, chefe do gabinete do ministro das Relações Exteriores, e sua esposa. Aquele diplomata foi recebido pelo dr. Octavio Mangabeira, pelas autoridades, por numerosissimos jornalistas, por uma multidão de amigos, etc. Os jornais saudam-no.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 2—(Atrazado).—Ontem, dia de Ano Bom, o dr. Washington Luis recebeu os cumprimentos das altas autoridades e do corpo diplomatico, tendo, em nome deste, discursado Mr. Morgan, embaixador dos Estados-Unidos. Respondeu o Presidente da Republica, agradecendo.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 3.—O ministro da Viação recomeçou a viagem, em hidro-avião, para Florianopolis, onde lhe estão preparadas imponentes homenagens. Acompanham-no as mesmas pessoas que seguiam com ele na primeira viagem, que, como dissemos, teve de ser interrompida, por motivo do nevoeiro: dois oficiais do seu gabinete e o jornalista Raul Portugal, enviado especial da Agencia Americana.—(A.).

De França

PARIS, 4.—O ministro das Finanças, sr. Poincaré, desmentindo a informação recente do jornal inglês "Observor„, segundo a qual a França não teria cumprido as suas promessas, confirma que, em conformidade com o acôrdo Peret-Churchill, a França pagará á Inglaterra, no dia 15 de março proximo, uma segunda prestação de 2 milhões esterlinos.—(H.)

PARIS, 4.—O primeiro ministro belga, sr. Jaspar, chegou a Paris.—(H.)

SAINT-ETIENNE, 4.—Nesta cidade está-se preparando, com grande actividade, a celebração, em fevereiro proximo, do centenario do primeiro caminho de ferro francês.—(H.)

LYON, 4.—O dr. Rousseau, decano da Faculdade de Quebec, acompanhado pelos seus colegas, visitou a Faculdade de Medicina de Lyon.—(H.)

Dos Estados Unidos

PROVIDENCE, 4.—Vindo de Lisboa, chegou a este porto o paquete "Sinaias", da Cyp. Fabre.—(H.)

Da Argentina

BUENOS AIRES, 4.—O jornal a "Prensa" escreve que a presença das tropas americanas na Nicaragua ameaça a existencia do Instituto Pan-Americano.—(H.)

BRISTOL CLUB
das 19 ás 22 h.
JANTAR-CHARLESTON
DANCING

Au Renard Argenté
Confecções de pelles em todos os generos, modificações ou concertos, execução rapida, preços sem competencia, pelles avulso para guarnições
RUA DE S. NICOLAU, 13, 3.°

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Gaby Deslys morreu ha seis anos. A rainha do "music-hall„ desapareceu do palco da vida em pleno triunfo. E em plena mocidade.

Galy Deslys deixou, como se sabe, a maior parte da sua fortuna, para obras de caridade, á terra onde nasceu: Marselha. Foram doze milhões de francos. Já se podia praticar, com essa soma, alguma caridade...

Mas aparece agora uma hungara que se diz irmã de Gaby Deslys e pretende reivindicar a fortuna da famosa bailarina.

Harry Pilcer, o homem que dançou com a Gaby e consagra á sua memoria um culto devotado, declara:

—O procedimento dessa senhora é inqualificavel. Enquanto Gaby viveu, não veio dizer que era sua irmã. Pelo contrario. Fez espirito com esse suposto parentesco. Criou-lhe até dificuldades. Agora, sorriu-lhe a fortuna de sua "irmã„. Ora eu conheci o papá e a mamã de Gaby. Posso afirmar que ela era de Marselha e não de Budapest„.

Pobre Gaby! No grande misterio da Eternidade, onde descansas, deves sorrir diante das fraquezas que dominam a pobre Humanidade...

■

Dois aviadores franceses estudam, neste momento, um "raid" aereo que tem cêrca de 40.000 quilometros em volta do Atlantico, com as seguintes escalas: Paris-Dakar-Buenos Aires-Panamá-Nova York-Paris.

O ano que começa ficará assinalado, ao que parece, por grandes empreendimentos aereos.

Pela nossa parte, vamos contribuir com a formidavel tentativa de volta ao mundo, projectada por Sarmento de Beires e José Cabral, para o progresso da Aviação. Ao mesmo tempo, vai estabelecer-se um verdadeiro concurso de travessia directa do Atlantico entre franceses, americanos, alemães, italianos e ingleses.

O ano promete ser falado nas grandes estradas do ar...

■

Ao "comité„ juridico do Reichstag foi submetido um curioso projecto de lei de divorcio. Todo o marido que se sentir prejudicado na sua carreira por sua esposa pode requerer o divorcio.

O excesso de amor, por exemplo, pode levar uma mulher ao tribunal.

Se o projecto é aprovado, será preciso a lampada de Diogenes para encontrar uma amorosa na Alemanha.

■

Um japonês residente em Budapesth tentou suicidar-se, ao ter conhecimento da morte do Mikado, praticando o suicidio tradicional do seu pais: o "harakiri„.

Feliz imperador, que teve um subdito tão dedicado, e feliz nação—que tem um imperador tão obedecido!

Os melhores cigarros, são:
Drapkin's Gold Flake
os Sarony magnificos
os The Greys famosos
VENDA UNIVERSAL
Importadores: COMERCIO DE TABACOS, LTD.

Dr. Meneres Sampaio
Doenças da Pelle e Syphilis
Retomou a clinica
R. ANCHIETA, 31

ULTIMAS NOTICIAS

Cardoso do Amaral
E
Corrêa Guedes
Advogados
Rua da Prata, 54-2.—Tel. C. 376

OS VINHOS E O INCIDENTE DE ONTEM

Como homem e ministro

NÃO PODIA TOLERAR

as palavras de José Relvas

disse-nos

o ministro da Agricultura

A questão do dia foi hoje o incidente que ontem se verificou no gabinete do sr. ministro da Agricultura, general sr. Alves Podrosa, que, depois de umas palavras do sr. José Relvas, deu por finda a conferencia que estava realizando com os viticultores da Associação Central de Agricultura, apontando a estes a porta, como saída.

Para o publico que não tenha tido conhecimento do facto, resumimos: o governo, pela pasta da Agricultura, no intuito de proteger a genuidade dos vinhos generosos do Douro, publicou o decreto que cria o Entreposto dos Vinhos, em Gaia, destinado só a vinhos generosos.

A viticultura do Centro e do Sul, concordando com esta medida, feita por todos os seus objectivos, expõe, contudo, no sentido de ao decreto não ser dada interpretação mais lata do que aquela que está no pensamento de todos: — defender a genuidade dos vinhos do Douro.

Uma grande reunião ontem na Associação da Agricultura, a quo assistiram entre outras pessoas gradas, os srs. José Relvas, Luís Gama, Cincinato da Costa, Manuel Duarte, etc., resolveu pedir ao governo a garantia de exportação de vinhos do Sul, do tipo comum, pela barra do Douro.

A' tarde, realizou-se uma entrevista entre os viticultores e o sr. general Alves Pedrosa, ministro da Agricultura.

A entrevista, como antes a reunião magna, decorreu correctissima, ordeira e até — simpatica.

No final produziu-se o incidente. Recortemos do *Seculo* de hoje, porque o sr. ministro nos disse que correspondia sensivelmente á verdade, parte da noticia.

«Acentuou o sr. José Relvas (ao ministro) a gravidade do problema em causa, a agitação latente entre os viticultores, agitação que poderia tomar maior vulto, lembrando que a monarquia ruira mais por uma questão economica do que por uma questão politica. O sr. José Relvas conclui, estendendo a mão ao sr. Alves Pedrosa:

—Era isto que eu precisava dizer a v. ex.ª. Passe v. ex.ª muito bem.

O sr. ministro da Agricultura, formalisado, dirigiu-se para a poltrona ministerial e, com energia e gesto largo, disse:

—Pódem v. ex.as produzir lá fóra a agitação que entenderem, certos de que não será com ameaças que mudarei de orientação. O meu pensamento e o do governo de que faço parte é garantir a genuinidade dos vinhos do Porto, é manter o entreposto de Gaia, é permitir a exportação de todos os vinhos pela barra do Douro».

O sr. ministro indicou então a saída aos reclamantes.

O que nos diz
o sr. Luís Gama

O sr. José Relvas, indicado, pela força das circunstancias, para falar hoje aos jornalistas, retirou já para a sua casa de Alpiarça. Por ventura, o incidente aborreceu-o. Ou talvez não tivesse já que fazer em Lisboa.

O sr. Luís Gama, elemento de destaque na Associação Central da Agricultura, fez-nos hoje algumas declarações:

—A questão está posta já, e é simples. Aquilo a que os jornalistas chamam um incidente, não altera a fase da questão inicial...

—Que é...

—Em sintese: a defeza da genuinidade dos vinhos do Douro é justa. O decreto que cria o Entreposto dos Vinhos, em Gaia, tem a concordancia de todos. Muito bem. Ninguem se insurge contra isso. Sucede, apenas, que algumas interpretações do decreto pódem prejudicar os direitos dos viticultores do Sul, o que não é justo. Daí a reunião de ontem na Associação Central de Agricultura, que decorreu correcta, elevada, e na qual foi aprovada uma moção do sr. José Relvas.

—Que...

—Que considera que todas as fraudes devem ser evitadas e punidas, que faz justiça á intenção do governo mas prevê que algumas interpretações forçadas pódem desvirtuar o pensamento do ministro; que considera — o que é logico — que se deve manter a liberdade completa de transito, que não deve haver restrições no comercio interno dos vinhos e, finalmente julga indispensavel que se esclareça o artigo primeiro do decreto, de modo que fique bem esclarecido que aquele artigo se refere exclusivamente á armazenagem e exportação dos vinhos licorosos do Douro, e que aquela parte da area de armazenagem, em Gaia, deve ficar inteiramente separada daquela que se destina a receber os vinhos comuns de todas as regiões do país. Como vê, nada mais simples, mais claro, mais justo.

—De modo que...

—Achamos legitimos os interesses do Douro, e desejamos apenas que continuem a achar justos os interesses sérios dos viticultores do Sul, que protestam contra fraudes, e entendem que todo o comercio externo é legitimo e necessario.

—Mas o alarme feito...

—Justifica-se, por terem alguns negociantes de vinhos da Bairrada pedido tambem um emtreposto para os seus vinhos. Ora, a Associação de Agricultura expôs ao ministro no sentido de que se esclarecesse a letra do decreto, de modo a manter-se o espirito da lei, a favor do Douro, sem prejuizo do Sul, prejuizo que não estará no pensamento do governo, com certeza.

—E o incidente?

—Não me cabe falar sobre ele. Não teve a importancia que se lhe atribuía. Tem um caracter de ocasião. Tanto o sr. José Relvas como o sr. general Pedrosa são pessoas correctissimas, e o caso, se nos impressionou, não altera, como lhe digo, a fase da justiça que nos assiste.

—Mas...

—Mas, mais nada.

O que nos diz
o sr. ministro da Agricultura

O sr. general Alves Pedrosa recebe o jornalista em sua casa. Diz:

—O pensamento do governo está expresso, é claro, não admite duvidas: defender a genuidade dos vinhos generosos do Douro, evitar e punir as mixordias e os mixordeiros, mantendo-se como até aqui a exportação de todos os vinhos comuns de todas as regiões pela barra do Douro, como de todos os portos. Ha de manter-se o entreposto dos vinhos em Gaia, e deste principio não se afasta o governo.

—Nem o Sul proposta contra isso.

—Assim é. Mas mixordias não se consentirão.

—A entrevista com os viticultores do Sul...

—Muito me satisfez até ao incidente a que já foi feita referencia publica. De facto, rejubilei que tivessem sido compreendidas as minhas intenções, que visam respeitar todos os interesses e não colidem com as aspirações de ninguem. A exposição do sr. Luís Gama foi inteligentemente posta. O sr. Luís Gama é um cavalheiro correctissimo. Não me agradou, como Ministro, o ar de parada com que tantas pessoas, aliás respeitaveis, entraram pelos corredores e dependencias do Ministerio. Mas recebidos alguns viticultores, a entrevista decorreu como é proprio de pessoas educadas.

E o sr. general Pedrosa acentua:

—Ha de fazer-se a regulamentação do Entreposto de Gaia, e a questão está esclarecida, visto o governo ter em atenção as reclamações de todos. Fiquei satisfeito. E tanto que abracei, na pessoa do sr. José Relvas, todos os que subiram as escadarias do ministerio, prova de que a minha disposição era a melhor. Comtudo...

—Comtudo...

—O sr. José Relvas, velho republicano da minha maior consideração, antigo ministro do governo provisorio, e antigo presidente do Conselho, entendeu dever fazer-me observações em termos que, como homem e como ministro, não podia tolerar no logar em que me encontro. A sua atitude surpreendeu-me. Tinham as suas palavras, pelo menos, o aspecto de uma ameaça, com alusões descabidas. Daí a minha atitude, que aliás não diminue a minha consideração pelo sr. José Relvas e por todos os que se encontravam presentes no edificio.

—De modo que...

—A questão encontra-se no pé em que o Governo a colocou, que é a que interessa á Nação, ao prestigio do nome português lá fóra, á dignidade Poder, sem brigar com os interesses legitimos de todos os viticultores, aqueles que, como eu, são contrarios a fraudes e a mixordias que a todos nos vexam.

E rematando:

—Nenhum Governo, nenhum homem publico pode tolerar que se lhes fale em termos que podem colidir com a dignidade do seu cargo. Quanto a mim, no dia em que me julgar incompatibilisado com o maior numero, retirar-me-hei. Mas enquanto fôr ministro, como tal, por todos os motivos, reagirei contra pressões e contra atitudes intempestivas.

POR CAUSA DUM ARTIGO

FELIX CORREIA

recolheu hoje á cadeia de Monsanto

Felix Correia deu entrada, ha pouco —eram 5 horas—na cadeia do Limoeiro, donde transitará para o Forte de Monsanto, a cumprir a pena de tres meses de prisão, que lhe foi imposta, por delito de Imprensa, no tribunal.

Tentativa de fuga

Esta tarde, quando o agente Machado da P. I. C. estava no Governo Civil a interrogar o gatuno conhecido pelo "Russo de Alcantara,, este tentou evadir-se chegando a dar um pulo para o pateo mas não conseguiu realisar o seu intento, por ter sido agarrado por varios agentes. O Russo agrediu dois individuos que se colocaram á sua frente, e que ficaram feridos no rosto.

Novela humoristica

Amanhã é posta á venda uma interessante novela humoristica, de Carlos de Oliveira, intitulada «As martires do cabelo cumprido» que está sendo aguardada com certa curiosidade, principalmente pelas senhoras que já tem o cabelo cortado, por ser o primeiro trabalho no genero.

A nossa primeira vedeta do teatro musicado, Auzenda de Oliveira, escreveu um interessante prefacio, onde se revela a par da sua chistosa prosa uma qualidade hoje rara—o dizer muito no pouco que se escreve.

CHOCOLATE DE BAYONNE
SERVE-SE Á CHAVENA NO
CAFÉ DE LA GARE
EM FRENTE DA ESTAÇÃO DO ROCIO

Prefiram os taxis
Esfera Encarnada
Bandeirada 1$60 -- Fracção $40

Fermento de uvas FORMOSINHO
Cura diabetes, furunculos, dispepsia, eczemas, Doenças de pele em geral.
FARMACIA FORMOSINHO
de Adriano Gueifão Ferreira
Praça dos Restauradores, 18—LISBOA

Collares Mazziotti
Primeira marca de vinhos creada na região do Collares
TELEF. N. 651

Palace Hotel do Bussaco
Aberto todo o anno - Aquecimento central
Informações e reserva de aposentos
Rocio, 108, 2.º -- LISBOA

Embaixada britanica

A "soirée,, na Embaixada britanica, que foi marcada para sabado 8 do corrente, ficou adiada para a proxima quinta feira, 13 do corrente, por causa da sr.ª Embaixatriz da Inglaterra, lady Carnegie, se encontrar doente.

A explosão de ontem

Pelas investigações a que a policia até agora procedeu, parece averiguar-se que foi o carpinteiro José Valentim da Silva Junior que abandonou umas bombas de dinamite num predio na Avenida Conde de Valbon, onde uma delas explodiu, causando a morte de uma criança e ferindo outra.

"O CASO DO DIA,,
No GYMNASIO
com AMELIA REY COLAÇO no principal papel